Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio Braziliense **Class.:** 387

Data 18/05/90 **Pg.:**

Encontro na UnB traz à tona a energia feminista das índias

Angélica Torres Lima

No ano passado, quando Tuíra surgiu como uma deusa guerreira junto à mesa que presidia o encontro ecológico de índios e brancos em Altamira e ritualizou de facão em punho sinais, na hora, pouco inteligíveis para o branco, estava selada mais do que uma aparição mítica que maravilhou o Brasil, testemunha da cena. Ainda não dava para ver, mas aquela personagem feminina interrompia um silêncio de séculos e simbolizava com a coragem de seu ato a força da presença da mulher indígena ao lado da luta organizada do índio brasileiro. A energia feminista das índias estava no ar, mas desconhecia-se ainda que há cinco anos, seis outras guerreiras tinham começado a conspirar dentro e fora das tribos a mobilização política da classe junto a esta luta histórica e desigual.

Durante os últimos três dias, o esforço de Eliana Potiguara(PB), Jupira (SP), Deolinda Prado (AM), Miriam Terena (MT) e Quitéria Pankararu (PE) marcou alguns significativos pontos em Brasília. Conseguiram trazer outras 25 mulheres indígenas para discutirem os problemas do dia-a-dia que estão dispersos nas reivindicações das lideranças, e para pensarem juntas projetos emergentes endereçados à primeira-dama Rosane Collor, presidente do órgão que tem apoiado as iniciativas do movimento.

Nas reuniões, realizadas no auditório da reitoria da Universidade de Brasília, cada participante deu seu depoimento sobre as carências das áreas de saúde, educação, trabalho, demarcação de terras e apresentou propostas para projetos futuros. Eliana Potiguara, coordenadora do projeto Educação do Grumin (Grupo Mulher Índigena do Nordeste) e autora da cartilha didática de conscientização "A Terra é a mãe do índio", explica que é "um trabalho de formiguinhas" que só pode ser feito assim, à parte do movimento do índio. Diz que lá não podem falar de problemas específicos, da dor que sentem como mulher e mãe pela destruição da cultura. "Vão rir", conclui.

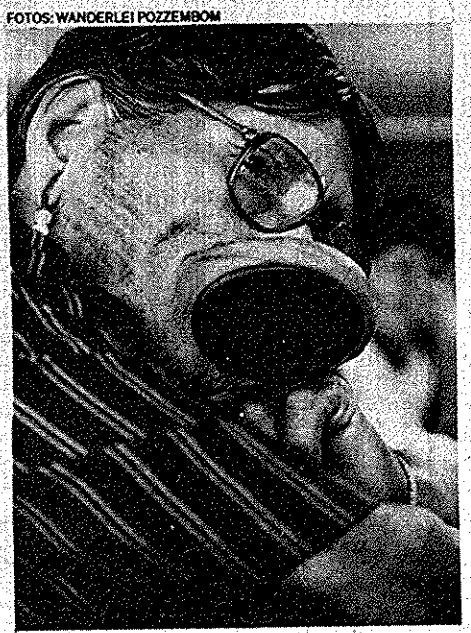
Dor e lágrimas — Os encontros começaram a ser feitos regionalmente e custaram a elas muito sofrimento e lágrimas por força do reacionarismo circundante. Foram adjetivadas como "putas" e "ex-faveladas" pela imprensa paraibana no primeiro encontro há seis anos. As próprias lideranças indígenas não apoiaram ao longo desses anos todo o esforço generoso das seis guerreiras. Só agora começam a admitir (leia boxe). Eliana Potiguara não sabe explicar o porquê da reação entre os colegas. Machismo acha que não é; também não sabe se seria por espírito de competição.

Mas explica que a reivindicação feminista das mulheres indígenas não passa exatamente pelo mesmo caminho das brancas. Não há, segundo ela, tanta ênfase para o capítulo da discriminação por machismo e inconformismos nesta linha. O que querem acima de tudo é ter voz para que possam ser um braço da luta do índio brasileiro, como reforço.

Problemas e carências — Dentre os problemas apontados, que segundo Eliana não estão muito delineados nas reivindicações encaminhadas à Constituinte, estão a falta de postos, médicos e enfermeiros, além de um programa de saúde para resgate da medicina natural. Proliferam nas tribos as doenças contagiosas, a tuberculose, a oncocercose (fruto da poluição nos rios), as hemorragias, os problemas de útero e ovário. Na área da educação, reivindicam um trabalho especificamente indígena, com professores formados, material bilíngue produzido por eles com a conscientização da verdadeira história do Brasil. Em trabalho querem chamar atenção para a mão-de-obra escrava que é prática generalizada no País onde há aldeias próximas a cidadelas.

Eliana Potiguara, que no ano passado fez 35 viagens pelo Brasil todo, diz que chora muito por sentir a dureza da luta a que se propõe junto com as companheiras: "Se o Brasil renega ainda o direito do negro e da negra como cidadãos, imagine o do homem principalmente o da mulher indígena". Cita esperançosa o exemplo de povos como o do Panamá, cujos índios têm até ministérios, com pessoal formado em vários cursos, enquanto que no Brasil ainda não há sequer um curso profissionalizante para que possam trabalhar na área.

FOTOS: WANDERLEI POZZEMBOM



Tuíra e Eliana Potiguara interrompem o silêncio de séculos

Nem Sting nem Madonna, mas apoio nacional

Quando Eliana Potiguara foi à Europa no ano passado e deu uma entrevista ao programa *Olhar da Mulher* numa televisão francesa, o jornalista perguntou a ela gaiatamente se iria convidar a Madonna para apoiar o movimento. Eliana aceitou a pergunta com bom humor. Riu e respondeu que aceita o apoio de onde ele vier, mas que pretende tê-lo forte mesmo é dentro do Brasil.

A presença do cacique Raoni no segundo dia de encontro das mulheres indígenas realizado na UnB foi um dos frutos colhidos pelas militantes nesse primeiro "ensaio" para um grande encontro nacional do movimento, previsto para acontecer ainda este ano. A resistência das lideranças à participação das mulheres na luta pelos direitos da cultura indígena está sendo vencida por força de sua tenacidade e da solidariedade abnegada em nome da causa, sem distinção de sexos. Megaron Txukarramãe, sobrinho de Raoni, também já declarou por escrito seu reconhecimento pela organização das mulheres.

Também Tuíra levou seu apoio ao encontro, chegando ao auditório pouco tempo depois de Raoni no segundo dia de reuniões. Na platéia estavam ainda as deputadas Benedita da Silva (PT/RJ), Moema Santiago (PSDB/CE) e Rose de Freitas. Mas segundo Eliana Potiguara o maior mérito do trabalho até o momento tem sido conseguir que as mulheres índígenas quebrem um silêncio secular ao expor suas dores e mágoas guardadas de geração em geração. Conta que é de emocionar às lágrimas ouvir as índias velhinhas exorcizarem seus fantasmas com relação à cultura e às suas próprias vidas, nos encontros regionais.

No Departamento de Antropologia da UnB, as porta-vozes do movimento exibiram o vídeo do 1° Encontro Regional, feito na aldeia de São Francisco, onde além dessas emoções foi gravado o massacre sofrido por elas pelas forças reacionárias: latifundiários da UDR, políticos de direita e imprensa. Os encontros regionais têm sido apoiados pela LBA e pelo Conselho Mundial de Igrejas. À Universidade de Brasília vieram com apoio da Funai, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e da própria UnB. **(Angélica Torres Lima)**